

# Caminho é caminhar, com afeto

**LUIS FERNANDO**

*Sobre o autor:*

**Luis Fernando.** Graduado em Licenciatura Plena em História pela FMU/SP. cursando Especialização em Sociologia Política na PUC-RIO

## RESUMO

Iniciando pela compreensão de nossa herança ibérica, seu patrimonialismo, o apego às relações diretas, familiares, que compreendamos nossa representação, nosso “fazer” política, nosso personalismo e, então, se caminhe na percepção do diverso, no senso de alteridade e suas pluralidades, ao passo largo da cidadania coletiva e na mão única do Estado de Direito a conduzir a res publica, sejamos Democracia

**Palavras chave:** Estado de Direito, condução res publica, Democracia

## ABSTRACT

Beginning with the understanding of our Iberian heritage, its patrimonialism, the attachment to direct relations, family, that we understand our representation, our "doing" politics, our personalism, and, then, we walk in the perception of the diverse, in the sense of alterity and its pluralities, to the broad step of collective citizenship and in the single hand of the rule of law to lead to res publica, let us be Democracy.

**Keywords:** Rule of Law, lead to res public, Democracy

*Caminhante, não há caminho, o caminho se faz ao caminhar.*

Antonio Machado

## I. INTRODUÇÃO

Os paradigmas patrimonial e burocrático de administração pública são originários dos estudos sociológicos de Max Weber – por representar um dos elementos mais importantes da ação social, a dominação foi detalhada por Weber na obra *Economia e Sociedade*, observando o elo entre dominação e administração.

Em Weber, a validade do poder de mando pode apoiar-se em relações tradicionais de autoridade, em regras racionais (impostas ou pactuadas) ou, ainda, no carisma pessoal – como no cotidiano, esses tipos não podem ser observados isoladamente, o predomínio de cada um determina, respectivamente, a dominação tradicional, burocrática, ou carismática.

Em terra brasilis, a partir da colonização portuguesa, serão abordados os estudos de Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Lília Moritz Schwarcz que, entre outros e igualmente renomados, melhor atendem ao que se busca.

O que se busca, com um pé na Antropologia, é a entender os porquês que levaram nossa democracia a um estado de amor e ódio, onde, latentes, os afetos estão em corações e mentes, bares, botecos, salas de espera, Maracanã, em vôos, na mídia escrita, papel ou on line, televisiva, pontos de ônibus e locais de trabalho. O atual estado de coisas, há bom tempo, contempla também uma considerável parcela da população que, em termos de representação política, espelha-se na indiferença, o anti-afeto do ‘não me representa’, são “ (...) dias tão estranhos, fica poeira se escondendo atrás dos cantos” como versou Renato Russo em *Teatro dos Vampiros*.

As linhas próximas, com a brevidade que o espaço exige, se pretendem a uma alternativa, uma cidadania que, por ampla, nos afira uma urbanidade e representação onde, por premissa, o lócus espaço temporal perceba poder não como onipotente, onisciente porque, se vendo assim por si, será impotente. (FOUCAULT, 2005).

## II - AMOR & ÓDIO

“A crise que acompanhou a transição do trabalho industrial pode dar uma idéia pávida das dificuldades que se opõem à abolição da velha ordem familiar por outra, em que as instituições e as relações sociais, fundadas em princípios abstratos, tendem a substituir-se aos laços de afeto e de sangue. (...) Com efeito, onde quer que se prospere e assente em bases muito sólidas a idéia de família – e principalmente onde predomina a família do tipo patriarcal – tende a ser precária e a lutar contra fortes restrições a formação e evolução da sociedade segundo conceitos atuais. A crise de adaptação dos indivíduos ao mecanismo social é, assim, especialmente sensível no nosso tempo devido ao decisivo triunfo de certas virtudes antifamiliares por excelência.” – g.n. (HOLANDA, 1982).

Sérgio Buarque de Holanda, no célebre capítulo V em *Raízes do Brasil*, o Homem Cordial, não apresenta o brasileiro como bonzinho, cordial, amistososo, como interpretado por vários, mas sim cordial do radical latino *cordis*, isto é, relativo ao coração – o português, o ibérico nos legou o costume de decidir em favor da família. Nos apresenta o desafio de superar o paternalismo pela racionalidade da vida pública, fundamento republicano.

“(…) há quem recoloca hoje os argumentos sobre as características de relatividade política do Brasil e a impossibilidade de uma organização institucional na qual a democracia – fundamentada na ordem pública e no Direito – possa impor-se sem qualificativos que a distorçam. (...) A partir de certo limiar, nos ensina Sérgio, a concretização das opções deixa de ser questão de talento para ser questão de existência de vontade, capaz de articular interesses sociais novos para permitir que nossas raízes, com enxertos de futuro, sofram as mudanças necessárias.” – (CARDOSO, 2013).

As mudanças necessárias que o Professor Fernando Henrique Cardoso cita são superar a paixão\violência inerente da decisão vinda do afeto, havemos de lembrar que, nesta década, nossa população urbana já é maior que a rural, e essa urbanidade, para que se efetive e seja plana, carece se capacitar socialmente e reconhecer o outro, descobrir o outro.

“A descoberta do outro tem vários degraus, desde o outro como objeto, confundido com o mundo que o cerca, até o outro como sujeito, igual ao eu, mas diferente dele, pode-se muito bem passar a vida toda sem nunca se chegar à descoberta plena do outro (supondo-se ela possa ser plena). Cada um de nós deve recomeça-la, por sua vez; as experiências anteriores não nos dispensam disto, mas podem ensinar quais são os efeitos do desconhecimento.” – (TODO-ROV, 1982).

Como efeito em formar bolhas diante da diversidade, ignorá-la, negá-la, levará o ato de governar a exemplos, como o chefe do Executivo mandar erguer um estádio de futebol na Copa do Mundo e, após a tal Copa, cedê-lo para uso do time/torcida de seu coração, ao nosso alcaide receber no ambiente público os fiéis de sua religião, ofertando os bens públicos apenas a eles, o Chefe do Executivo só nomear para cargos públicos aqueles com específico alinhamento ao

seu pensamento. Exemplos a partir do decisório paternal, com caráter oligárquico que remete à corrupção, em crime previsto e punível pela lei, mas que, a partir desse traço examinado por Sérgio Buarque nos leva a questão de prática muito nossa, com forte inserção na sociedade brasileira: o Patrimonialismo.

“ República significa coisa pública – bem comum – em oposição ao bem – a res privada. Pensada nestes termos, como bem ajuíza o historiador José Murilo de Carvalho, “nossa República nunca foi republicana. Por mais tautológico que possa parecer, não pode haver república sem valores republicanos, e por aqui sempre fez falta o interesse pelo coletivo.(...)Nos falta, ainda mais, o exercício dos direitos sociais, qual seja, a participação na riqueza coletiva: o direito, ou melhor, o pleno exercício do direito à saúde, à educação, ao emprego, à moradia, ao transporte e ao lazer.(...) o patrimonialismo é resultado da relação viciada que se estabelece entre a sociedade e o Estado, quando o bem público é apropriado privadamente. Ou, dito de outra maneira, trata-se do entendimento, equivocado, que o Estado é bem pessoal, "patrimônio" de quem detém o poder.” - g. n. (SCHWARCZ, 2019).

A tautologia tem seu aspecto didático, pelas possibilidades de instigar o raciocínio abstrato, não pela mera repetição. A educação, tanto quanto a aplicação da Lei, nos é fundamental no combate a essa nossa jaboticaba, o patrimonialismo. Esta prática, corruptela de corrupção, tão incrustada em nosso meio, assusta. Ela está, ela é. Sugiro, ao invés de se citar corrupção de forma genérica, a Escola adote em seu material paradidático e palestras a explicação do patrimonialismo como uma das formas, uma especificidade de corrupção., a exemplifique em seus vários usos, suas faces no cotidiano, pois só pela Educação havemos de combatê-la na formação dos jovens.

“ Na peculiaridade histórica brasileira, a camada dirigente atua em nome próprio, servida dos instrumentos políticos derivados de sua posse do aparelhamento estatal.(...) a comunidade política conduz, comanda, supervisiona os negócios como negócios privados seus, na origem como negócios públicos,...” (FAORO, 1975).

Quando reunidos, o poder político e o poder econômico sentam-se a uma mesa redonda. Não se distinguem os lados, há negócios e as vítimas não estão sentadas à mesa. A corrupção no nosso País é mais do que sistêmica, ela é a extensão, o corolário do nosso patrimonialismo, entende o Professor Fernando Haddad.

A forma global que o capitalismo assumiu e o peso das grandes empresas, ao lado da preservação de valores do individualismo e a liberdade na sociedade que a chamada mídia independente amplifica, entende o Professor Fernando Henrique Cardoso, façam contemporaneamente o contraponto às tendências patrimonialistas.

### III – A INDIFERENÇA

Segundo o TSE, a abstenção só tem feito por crescer, desde 2006. Em 2006, 16,8% dos eleitores aptos não compareceram; em 2010, 18,1%; em 2014, 19,4%; nesta última eleição presidencial, em 2018, a abstenção foi de 20,3%, quase 30 milhões de aptos ausentes. Ainda em 18, a soma de brancos, nulos e abstenções ultrapassou 30%.

Os números mostram a decantada indiferença, o ‘não me representa’ exposto em todas as formas de mídia e na academia. Há autores debruçados sobre a questão, e mais de uma interpretação, apontando causas diversas, para uma situação que se torna mundial. No espaço pouco, alguns autores serão expostos, mas lembremos as passeatas de 2013, no Brasil, e os Camisas Amarelas, na França, de 2018, por pouco não reeditando a Comuna de Paris de 1870 – alternativas de representação popular, com parte da população, notadamente jovem, não se sentindo representada pela política tradicional de partidos políticos, mas coletivamente demonstrando desgosto com várias políticas públicas, sejam aumentos de transporte público, no Brasil, como da gasolina, na França - o pensamento em Foucault nos ensina todo poder contemplar resistência, é imanente ao poder a resistência, nos cabendo, no conjunto social, apreender as manifestações públicas como formas corretivas do Poder, uma forma de mostrar não estejam desalinhas do jogo democrático, mas estejam jogando de forma o todo careça compreender o jogo nessa sua forma e instrumentalizá-la de modo seja representação articulada.

O sociólogo italiano, Roberto Sposito aponta o Impolítico seja resultado do atual desequilíbrio entre o poder econômico e a representação política. Explica a democracia liberal ocidental, ao longo do tempo, ter convivido com a sociedade, sua representação, a política em igualdade com o poder econômico. Porém, neste século XXI, o poder econômico se sobrepôs à representação política, necessitando de um Executivo forte e disposto a realizar sua política rentista.” O Impolítico é uma categoria interna à modernidade e mais precisamente ao segmento extremo de sua crise, que se limita a refletir de forma invertida; é uma filosofia onde, longe de ser contrário ao conflito político, ele considera o conflito como a realidade, único espaço possível.” (ESPOSITO, 1988).

Com ênfase no estudo dos EUA, a obra COMO AS DEMOCRACIAS MORREM aponta “o igualitarismo, a civilidade, o sentido de liberdade e o propósito compartilhado eram a essência da democracia americana em meados do século XX. Hoje, esta visão está sob ataque. Para salvar a democracia, os norte americanos precisam restaurar as normas básicas que a protegiam no passado, estender essas normas por toda uma sociedade diversificada, torná-las realmente inclu-

sivas – poucas sociedades conseguiram ser multirraciais e genuinamente democráticas. Este é o desafio.” (LEVITSKY & ZIBLATT).

Fenômenos como encolhimento das economias nacionais, forçando a redução de políticas distributivas de renda, a globalização tornando a cultura como diversificada, a diversidade é a maior simbologia das liberdades individuais, que, ao não se sentirem representadas pela forma partidária tradicional, entendem encontrar melhor abrigo em lideranças populistas que, em países diversos, onde as opiniões populares tendam a ser iliberais, com as elites evidenciando

preferências antidemocráticas e, assim, importantes democracias liberais estão se desmantelando. “A estabilidade progressiva da democracia terá sido criada por condições que não existem mais?”, pergunta Mounk, autor da obra *O POVO CONTRA A DEMOCRACIA*. “A promessa da democracia multiétnica, na qual os membros de qualquer raça, cor ou crença são vistos como iguais, é inegociável. Mas, por mais difícil que possa ser para os países com uma concepção profundamente monoétnica de si próprios acolher recém chegados e minorias, tal mudança é a única alternativa realista à tirania e à guerra civil.” (MOUNK, 2019).

Há sociólogo europeu que defenda o voto na Comunidade Européia a partir dos 12 anos, argumentando que os eleitores atuais, em sua maioria, estão em faixa etária de média para avançada, não tendo preocupação com as questões do meio ambiente, e, para o jovem, onde ele tem o meio ambiente como disciplina escolar, esta é questão vital.

Importante e acertada, pois, a decisão em facultar ao jovem do nosso Brasil o voto a partir dos 16 anos. Como atitude para sensibilizar o jovem, esta Especializada poderia melhor divulgar a questão ambiental em seu próprio material, ou seja, sendo as cabinas de votação e as caixas de papelão para embalagem das UEs feitas em material reciclável, informação confirmada pela área de material da Casa, esta informação poderia constar nas próximas tiragens dos materiais citados, o corpo do material evidenciando a preocupação ambiental como parte da ação judiciária eleitoral.

Concluindo, entendo nossa missão deva garantir a transparência do processo eleitoral, os ganhos do processo biométrico, evidenciar, nas palestras, ações educativas, nos materiais paradidáticos a serem distribuídos, que o ato de votar em si apenas é parte do processo, uma efetividade republicana e democrática só será possível se as gerações vindouras fizerem o que, infelizmente, a maioria adulta hoje não faz: acompanhar, nas diversas formas hoje possíveis, as ações parlamentares de seus votados, cobrar promessas de campanha, exercer a cidadania através da Isegoria, a palavra, garantida a todos maiores de 18 anos nas assembléias gregas, berço de nossa cultura ocidental.

“A Assembléia, que detinha a palavra final na guerra e na paz, nos tratados, nas finanças, na legislação, nas obras públicas, em suma, na totalidade das atividades governamentais, era comício ao ar livre, com tantos milhares de cidadãos maiores de 18 anos quisessem comparecer. Ela se reunia frequentemente o ano todo, no mínimo quarenta vezes, e, normalmente, chegava a uma decisão sobre o assunto a discutirem um único dia de debates, em que, a princípio era direito de todos participar e tomar a palavra. Isegoria. Tomado por alguns historiadores como sinônimo de Democracia.” (FINLEY, 1988).

## REFERÊNCIAS

- CARDOSO, F H .**Pesquisadores que Inventaram o Brasil São Paulo**, Companhia das Letras, 2013
- ESPOSITO, R **Categorias do Impolitico**, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2019
- FAORO, R Os **Donos Do Poder – Formação do Patronato Político Brasileiro**, volume 1, São Paulo, Editora da USP, 1975
- FINLEY , M I **Democracia Antiga e Moderna**, RJ, Edições Graal, 1988
- FOUCAULT, M. **Em defesa da Sociedade**.São Paulo, Martins Fontes, 2005.
- Nascimento da Biopolítica**.São Paulo, Martins Fontes, 2008
- HADDAD, F Revista Piauí, número 129 – **Um encontro com o Patrimonialismo Brasileiro** Editora Alvi Negra, São Paulo, junho, 2017
- HOLANDA, S B de. **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1993
- LEVITSKY,S e ZIBLATT D **Como as Democracias Morrem**, RJ, Zahar Editora, 2018
- MOUNK, Y **O Povo contra a Democracia**, SP, Companhia das Letras, 2019
- SCHWARCZ, L M **Sobre o Autoritarismo Brasileiro**, São Paulo, Companhia das Letras, 2019
- TODOROV, T. **A Conquista da América- A Questão do Outro**, São Paulo, Martins Fontes, 1993
- WEBER, M. **Economia e Sociedade: fundamentos da Sociologia Compreensiva**.Brasília, DF:Editora UnB, vol 2, 1999.